

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa

A SÉRIE “CORTE DE ESPINHOS E ROSAS” NA ÓTICA DA RECEPÇÃO

Carla Emanuele da Silva Alves

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

Orientador(a): Prof.(a) Ms.(a) Vinicius Gomes Pascoal

Recife

2023

A SÉRIE “CORTE DE ESPINHOS E ROSAS” NA ÓTICA DA RECEPÇÃO

Carla Emanuele da Silva Alves
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
semanuele243@gmail.com@gmail.com

Vinícius Gomes Pascoal
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
vinicius.pascoal@icloud.com

RESUMO

A literatura tem papel fundamental na formação do ser devido a seu papel humanizador, que provém da identificação pela projeção de experiência. Esse ponto evoca a função psicológica da literatura, que contempla a necessidade do ser pela ficção que, desde os primórdios, reflete o momento social e cultural em que está inserido. Desse modo, a obra espelha a experiência do autor. No entanto, o receptor não possui essencialmente as mesmas vivências do autor, o que o leva a ressignificar a construção apresentada pelo artista. Embora o leitor necessite compreender o que lê, o nível de compreensão e de interesse pela leitura tem se demonstrado um problema desde a formação escolar, que tende a se embasar nos modelos apresentados pelos livros didáticos, seguindo um roteiro que preza pela rapidez, esquecendo a necessidade de estimular a leitura sensível. Visando à necessidade de outros tipos de abordagem da literatura em sala, esse artigo se baseou na estética da recepção de Iser com enfoque dos atos de fingir, para analisar a série “Corte de Espinhos e Rosas”, da autora Sarah J. Mass. Assim, buscou-se demonstrar como a relação entre a obra e o leitor se estabelece, apresentar a recepção como meio viável e eficaz de despertar o interesse do leitor por obras com temática e linguagem próxima à realidade atual, ao passo que estas podem ser aplicadas como ferramenta para a interdisciplinaridade e desenvolvimento da

consciência empática, por meio da ampliação do horizonte do indivíduo no que se refere aos traumas e mazelas humanas, ignoradas pelo sistema da sociedade.

Palavras-chave: Recepção; Senso crítico; Experiência.

ABSTRACT

Literature has a fundamental role in the formation of being, due to its humanizing role that comes from identification through the projection of experience, this point evokes the psychological function of literature that contemplates the need of being through fiction that since the beginning reflects the social and cultural moment in that is inserted. In this way, the work mirrors the author's experience, however the recipient does not have essentially the same experiences, which leads him to give new meaning to the construction presented by the artist. However, the reader needs to understand what he reads, the level of literacy and interest in reading has proven to be a problem, since school education, which tends to be based on the models presented by dyadic books, following a script that values speed, forgetting the need to encourage sensitive reading. Aiming at the need for other types of approaches to literature in the classroom, this article was based on the aesthetics of Iser's reception with a focus on acts of pretending to analyze the Court of Thorns and Roses series by author Sarah J. Mass, demonstrating how the relationship between work and the reader is established, presenting reception as a viable and effective means of awakening the reader's interest in works with themes and language close to current reality, while they are applied as a tool for interdisciplinarity and development of empathic awareness, through through expanding the individual's horizon with regard to traumas and human ills, ignored by the system and society.

Keywords: Reception. Critical sense. Experience.

1. Introdução

Os avanços tecnológicos têm modificado as relações sociais, incluso no que se refere às metodologias de ensino, exigindo dos profissionais da educação a busca por metodologias que agreguem o ensino e o uso de recursos digitais. No entanto, o período da pandemia do Covid 19 evidenciou a dificuldade dos profissionais da educação e dos estudantes em utilizar essas ferramentas na otimização do ensino aprendido. Esse fator reflete a necessidade de formar professores que sejam capazes de adequar os conhecimentos acadêmicos à realidade de seus alunos. Assim, no que se refere ao ensino da Língua Portuguesa e Literatura, conectar-se com a realidade do aluno parte da compreensão das novas formas de comunicação decorrentes do uso da internet, caracterizando um novo papel para o texto e novas práticas de letramento, como afirma Barton (2015). Desta forma, o presente artigo apresenta uma abordagem para o desenvolvimento da leitura em sala com base na estética da recepção e no uso das mídias sociais como meios para despertar o interesse dos alunos pela leitura, acreditando que a identificação do leitor pela obra facilita a compreensão do que se lê. Para tanto, foi feita uma análise da série “Corte de Espinhos e Rosas”, da Autora Sarah J. Mass pela ótica da recepção.

Por se tratar de uma obra comentada nas redes sociais, apresentar temáticas comuns ao cotidiano dos leitores e despertar distintas compreensões do caráter e ações dos personagens ao longo da narrativa – ora pela forma como a obra é construída, caracterizando a intenção da autora em despertar a reflexão dos leitores, ora pelas experiências de vida do leitor –, a série “Corte de Espinhos e Rosas” permite demonstrar como funcionam os atos de fingir, apontados por Iser. Conforme aponta Lima (2002), essa variação entre o que é dado pelo autor e que o leitor constrói por meio dos recursos apresentados estabelece uma relação entre o fictício e a realidade. Desta forma, o autor deixa claro que o leitor utiliza sua visão afetiva para entender aquele mundo literário do mesmo modo que entende o mundo real. No intuito de instigar um ensino e formação literária que considere desde a recepção do aluno a obras que despertem sua identificação e compreensão no que se refere à representatividade e linguagem, respectivamente, para o mesmo ser capaz de compreender os significados diretos ou subjetivos de um texto, ampliando sua

percepção filosófica e estética que envolvem uma obra, o presente artigo visa evidenciar que o estudo da função do texto literário, em vez da estrutura, torna-se crucial para entender como atrair os jovens ao mundo literário.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi empregada pesquisa qualitativa por meio da técnica de análise de conteúdo, onde serão analisados aspectos da série “Corte de Espinhos e Rosas”, que incluem os livros “Corte de Espinhos e Rosas”, “Corte de Névoa e Fúria”, “Corte de Asas e Ruínas” e “Corte de Chamas Prateadas”, para demonstrar como a autora estabelece a proposta temática que implicará distintas percepções dos leitores sobre determinados personagens. Como demonstração da relação do leitor com a obra, serão selecionados comentários de leitores da plataforma *Goodreads*, enquanto o embasamento teórico recorre a artigos científicos que tratam da estética da recepção, especialmente sobre a visão de Iser dos atos de fingir. O artigo estrutura-se em quatro capítulos. Inicialmente é apresentada a teoria da recepção e os atos de fingir; em seguida, é realizada uma contextualização da série “Corte de Espinhos e Rosas”, analisando-se aspectos, dentro dos quatro volumes, que constroem os significados dados pelos leitores. Para isso, foram selecionadas opiniões dos leitores, a fim de comprovar como o leitor pode ressignificar a obra apesar do que o autor propõe, devido a sua carga sociocultural, demonstrando, dessa forma, as vantagens de empregar a recepção e o uso das mídias sociais no processo de formação do leitor.

2. A estética da recepção

A literatura é um recurso essencial na educação e no processo de formação do cidadão atuante em seu meio. Essa característica implica a necessidade de pensar em abordagens que considerem a dificuldade dos alunos em se identificar com obras clássicas e os modelos de aprendizado, ao trabalhar com a leitura de textos literários, como aponta, Biodere (2014). Tendo o uso das mídias sociais como recurso de avaliação da relação entre o leitor e obra, no intuito de demonstrar uma prática viável para o estímulo da leitura em sala, faz-se necessário entender o que envolve a teoria da recepção.

A teoria da recepção se origina das considerações teóricas realizadas por Hans Robert Jauss, em aula inaugural, no ano de 1967, na Universidade de Constança. Acrescidas de novas ideias, as observações apontadas nessa conferência foram publicadas em 1969, sob o título “A história da literatura como provocação à teoria literária”. Associando a oposição a conceitos estruturalistas e marxistas, que colocam o leitor em segundo plano, Jauss passa a considerar a literatura pelo seu valor estético e histórico, por meio da relação leitor e obra, onde o leitor se sente parte da criação literária, aprende com ela e transforma suas convicções através das reflexões feitas no decorrer do processo de leitura. Todavia a percepção de valores e relações sociais se modificam com a individualidade humana e com as mudanças socioculturais, é dizer, cada leitor possui uma carga ideológica que interfere profundamente no significado que a obra propõe, já que seus posicionamentos podem colidir com a construção prévia do indivíduo, gerando uma constante mudança de opiniões à medida que a trama se desenrola. Nesse preceito se estabelece uma comunicação entre o autor e leitor, assim como a obra possibilita a integração do fictício e real, atrelando o momento histórico, social e psicológico do leitor na pretensão de que ele estabeleça uma significação ao que a obra lhe despertou.

“Um dos fatores que torna a obra significativa para o leitor é a realidade presente na ficção, ainda que se tratem de sentidos opostos, como o texto ficcional contém elementos do real, sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingida, a preparação de um imaginário” (Lima, 2002).

Dessa forma, o leitor substitui a oposição pela noção do que envolve o imaginário, apresentando uma tríade entre ele e o que é real e fictício em uma obra, o que remete aos atos de fingir. O ato de fingir, então, estabelece uma repetição da experiência de sua realidade social – seja ela de ordem sentimental ou emocional – durante a apreciação do texto. Assim, o discurso passa a ter um significado estabelecido pelo leitor. Conforme Lima (2002), “estabelece-se, neste sentido, uma relação entre o mundo representado no texto, que não é um mundo, e a impressão afetiva nos receptores de representarem o mundo como se fosse um mundo”. Essa transgressão se estabelece no que é dado pelo autor e no que o leitor deduz. Essa seleção feita de modo aleatório configura uma reorganização feita pelo imaginário de

cada leitor, possibilitando diversas interpretações por parte do sujeito, ainda que ele e o autor tenham um breve consenso quanto à intenção da ideia apresentada.

Cândido (1972) considera a literatura sobre a concepção do seu poder humanizador, que provém da identificação derivada da projeção de experiência. O estudo da função em vez da estrutura se torna crucial para entender como atrair os jovens ao mundo literário e, conseqüentemente, letrar, haja vista a necessidade de compreensão textual no âmbito escolar e social. Desse modo, considerações relacionadas à função psicológica da literatura remetem à necessidade humana de ficção e como ela reflete o momento da sociedade. A exemplo desse fator podemos considerar as anedotas, com seu sentido e recepção atrelados a costumes de uma época e ao conhecimento cultural. Isso significa que a obra espelha a vida do autor e sua recepção espelha o sentimento do leitor. Uma obra consegue despertar a consciência e empatia. Ela abre os olhos de seu público para os traumas do ser humano e da sociedade, que constantemente são menosprezados, dando voz aos oprimidos, como aponta Hauser (1988).

A literatura é um recurso essencial na educação e no processo de formação do cidadão atuante em seu meio. Essa característica implica a necessidade de pensar em abordagens que considerem as dificuldades dos alunos em se identificar com obras clássicas e os modelos de aprendizado. Ao trabalhar com a leitura de textos literários, como aponta, Biodere (2014), a dificuldade de identificação do público jovem com obras tradicionalmente apresentadas nas escolas revela-se um produto do não estabelecimento de relação entre a obra e o leitor, considerando que a carga psicológica e sociocultural do indivíduo são a força motriz no processo de identificação e compreensão do leitor ao que o autor lhe apresenta. As sensações que a obra imprime ao leitor despertam a necessidade de debater e questionar os elementos textuais e estimulam sua busca por argumentos e novas obras que possam gerar interesse pela leitura, estabelecendo o hábito de ler e despertando o senso crítico necessário para trabalhar a literatura em obras com linguagens e temática mais complexas aos alunos.

3. A série “Corte de Espinhos e Rosas” como instrumento para a recepção

Baseada no conto “A bela e a Fera” e no mito grego de Perséfone e Hades, a série “Corte de Espinhos e Rosas”, escrita pela autora *best-seller* Sarah J. Mass, conta com quatro livros e um *spin-off* (até a conclusão deste artigo), nos quais terão enfoque os livros intitulados “Corte de Espinhos e Rosas”, “Corte de Névoa e Fúria”, “Corte de Asas e Ruínas” e “Corte de Chamas Prateadas”. Em sua série, J. Mass apresenta um mundo no qual as espécies estão dívidas por uma muralha mágica. De um lado, vivem os misteriosos feéricos, estabelecidos em sete cortes repletas de beleza e fartura; do outro lado, vivem os humanos esquecidos e cheios de desconfiança, medo e ódio aumentados pelas dificuldades. Tendo a irmã mais nova da família Archeron como protagonista, o primeiro volume da série, publicado em 2015, introduz o leitor ao mundo humano e feérico "Prythian" pelos olhos de Feyre, uma jovem filha de um comerciante falido, que se torna caçadora para sustentar sua família. Mesmo lidando com a falta de recursos, a negligência de seu pai, a indiferença de suas irmãs e o ódio dos feéricos, ela carrega em si a alma de uma artista. Sua vida, no entanto, muda completamente de rumo quando, em um dia de caçada, ela se depara com um lobo e o mata com uma flechada. Seu ato exige reparação, pois, como ela logo descobre, ao ter sua casa invadida por um grão feérico, sua presa na verdade se tratava de um feérico em forma bestial. Levada de sua casa para viver na corte primaveril, em meio as descobertas sobre aquele mundo e seus habitantes, a relação entre ela e seu captor progride da aversão a paixão, e ela se vê como parte fundamental para libertar os feéricos de uma maldição, embora isso possa lhe custar sua vida.

Em Corte de Névoa e Fúria, Feyre libertou os grãos feéricos das sete cortes do controle de Amarantha. Nessa situação, não só seu corpo humano foi perdido, mas seu psicológico foi destruído. Recuperar-se dos horrores sofridos na montanha, adaptar-se ao corpo feérico e preparar seu casamento colocam suas crenças em perspectiva. Presa por uma barganha a Rhysand, ao grão senhor da Corte Noturna e a alguém que ela pensava ser o inimigo, ela passa a conhecer o outro lado daquele mundo e a reavaliar todas as suas crenças em meio a uma guerra eminente. No terceiro volume, “Corte de Asas e Ruínas”, ao descobrir a verdadeira natureza de Tamlin, Feyre tem um novo papel a cumprir, como parceira de Rhysand e Grã senhora

da corte noturna. Infiltra-se na corte primaveril para se vingar de Tamlin pela tortura infligida a suas irmãs e frustrar os planos do rei de Hybern, que planeja destruir a muralha que divide os mundos e controlar tudo. Mas a guerra lhe trouxe percas e marcas terríveis.

Em seu quarto volume, "Corte de Chamas Prateadas", J. Mass nos apresenta a visão da irmã mais velha, Nestha. Repleta de traumas sofridos antes e durante a guerra, Nestha segue em uma espiral destrutiva. Sua personalidade agressiva nunca garantiu a amizade da nova família de Feyre. Seus poderes e seu novo corpo refletem tudo que ela foi ensinada a odiar. Apoiando-se no isolamento, bebidas e sexo, ela segue apenas existindo e ferindo a todos que se aproximam. Em meio a um processo de reabilitação forçado, Nestha encontra seu caminho de cura, aceitação e perdão, enquanto controla seus poderes e busca por objetos mágicos, antes que a rainha humana que auxiliou em sua tortura os obtenha.

No decorrer desses quatro volumes, J. Mass, constrói um mundo de paralelos, que exige do leitor aprofundar-se em suas cargas sociais e emocionais, para compreender as razões dos personagens e os significados que o texto emprega. Essa relação vai além da construção do universo fantástico e seus conflitos, estendendo-se no perfil psicológico dos personagens, com seus laços de amizade e rancor interligados em algum momento da trama. Nesses encontros, ela entrega ao leitor relacionamentos disfuncionais, personagens cheios de virtudes e defeitos, moldados pelas experiências construídas nos traumas e abusos. Em todos os volumes, a autora vai construindo o caminho para os leitores perceberem as fragilidades humanas refletidas em imperfeições evidentes ou discretas dos personagens, fazendo o leitor questionar a hipocrisia das relações humanas. É dizer assim, como no texto "A cenoura, o ovo e o café", de autoria desconhecida: quando a adversidade bate à sua porta, como você responde? Você é a cenoura, o ovo ou o pó de café? Você é como uma cenoura: parece firme e forte, mas, com a dor e adversidade, murcha e se torna frágil, perdendo sua força? Ou será que você é como o ovo, começando maleável, mas, após sofrer alguma pressão da vida, torna-se duro? Sua "casca" até parece a mesma, mas por dentro, você está dura. Será que você é como o pó de café? Você transforma o meio que a aflige, altera o que está trazendo a dor e oferece algo melhor e mais gostoso do que havia antes da adversidade? J. Mass faz com que o leitor analise se tem condições de julgar as ações alheias ao considerar suas próprias

reações, mas essa percepção dependerá da significação que o leitor dará ao empregar sua visão de mundo, constituindo, assim, os atos de fingir.

4. Os atos de fingir na narrativa

Ao considerar a literatura como um formador do ser, Candido aponta que “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade enquanto nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.” Desse modo, entende-se o ato de ler como um meio de compreensão responsável pela construção de sentido, resultando na experiência estética.

Essa experiência é construída por meio da relação autor e leitor, na qual o autor entrega pistas para cada leitor estabelecer uma visão única do que lhe é apresentado, constituindo os atos de fingir. Dentre o que chamamos de pistas, estão os elementos presentes no texto, como a pluralidade de referências discursivas ou não, que exigem que o leitor complete os espaços vazios nessas construções para estabelecer sentido no que é subjetivo até determinado momento da obra, considerando que se trata de um processo constante de construção e desconstrução de ideias.

O desenvolvimento dessa construção é visível em todos os volumes da série “Corte de Espinhos e Rosas”, em que cada livro se completa, culminando no quarto livro, no qual a questão que configura toda a trama se revela, as relações sociais, desde o nível material ao emocional. Visando demonstrar como a experiência estética se desenvolve em diversos momentos para jogar com o psicológico e emocional do receptor ao preencher os vazios textuais, nesse intuito a presente análise não seguirá a cronologia da história.

Logo no primeiro volume que carrega o nome da série, J. Mass usa recursos de apresentação do universo no qual os personagens vivem, para iniciar a troca com o leitor, dando uma dupla significação para a muralha que divide os mundos humano e feérico, como reflexo das divisões sociais que fazem parte da realidade do leitor.

Houve um tempo — há muito tempo, e durante milênios antes disso — em que éramos escravos dos senhores Grão-Feéricos. Houve um tempo em que

construímos para elas gloriosas e extensas civilizações, com nosso sangue e suor, construímos templos para seus deuses selvagens. Houve um tempo em que nos rebelamos, em todas as terras e territórios. A Guerra fora tão sangrenta, tão destrutiva, que foi preciso que seis rainhas mortais oferecessem um Tratado para o massacre terminar dos dois lados e para que a muralha fosse construída: o Norte de nosso mundo foi concedido aos Grão-Feéricos e aos feéricos, que levaram sua magia com eles; o Sul ficou para nós, mortais covardes, eternamente forçados a tirar o sustento da terra (J. Mass, 2015).

Em sequência a essa explicação, Feyre aponta os feéricos como ameaça presente para quem não tem condições de contratar seguranças e aproveita para enfatizar o boato de um feérico capaz de transformar ossos em pó a quilômetros de distância. Toda evidência de egoísmo e poder absoluto desse povo se tornam um recurso empregado para que, no desenrolar da trama, o leitor perceba que há um questionamento quanto à realidade de cada ser, sendo isso um pretexto para reflexão, ao mesmo tempo que serve para encobrir o caráter das relações desenvolvidas para o leitor no intuito de induzi-lo a um caminho que futuramente se mostrará questionável. Essa ideia começa a se reforçar em três momentos: quando Feyre descobre que os feéricos padecem do mesmo medo e horrores que os humanos; quando ela se solidariza e consola um feérico mortalmente ferido e desprovido de seu bem mais precioso - suas asas - e questiona seu ódio; e ao ser encoraja a ficar com o Grão Senhor, por um Suriel. Com o aparecimento repentino do Grão Senhor da Corte Noturna em seu resgate, a quebra do encanto colocado por Tamlin, que impedia Feyre de ver outros feéricos da corte, esse padrão de dubiedade nas relações pessoais começa a evoluir.

“— Por que está aqui, então? Os olhos incríveis do homem pareceram brilhar... com um toque tão mortal que recuei um passo. — Porque todos os monstros foram libertados de suas jaulas esta noite, não importa a que país pertençam. Então, posso perambular por onde quiser até o alvorecer. Mais charadas e perguntas a serem respondidas” (J. Maas, 2015).

Partindo da cena do casamento de Feyre e Tamlin, Rhysand começa realmente a ter o papel de possível salvador, ainda que questionável, pois, embora Feyre comece a revelar os indícios do desespero devido ao trauma sofrido sobre a montanha, essa construção é envolta em um duplo significado: quanto mais ela sofre

os efeitos do TSPT (transtorno de estresse pós-traumático), a ignorância de Tamlin sobre esses momentos começa a revelar o caráter do relacionamento abusivo, fazendo o leitor questionar as ações do personagem. Esse questionamento vai aumentando em conjunto com a ansiedade de Feyre, que não consegue entender e sair desta situação. O momento de explosão dos poderes desconhecidos de Feyre, ao se ver trancada em casa, culmina com o entendimento de que Tamlin já não é o mocinho. O fato de Feyre ser resgatada pela prima de Rhysand, Grão Senhor da Corte Noturna, parece um elemento comum, mas aponta a insegurança de uma mulher que sofreu violência a receber ajuda de um homem, sendo o apoio de Morgan melhor recebido principalmente por ela também ter sofrido violência, dando a entender que ela compreenderia a situação.

A partir do momento em que Feyre enfrenta seus desafios sob a montanha, a visão do leitor sobre o personagem começa a modificar, assim como a de Feyre. Novamente J. Mass se utiliza de sinais mistos, ao mesmo tempo que deixa à vista a verdade sobre quem é o personagem. Porém o leitor só se dará conta dos fatos quando a ilusão da natureza de Tamlin for destruída, fazendo referência ao que a autora já havia deixado escapar, quando Feyre teve um vislumbre de Tamlin sem o encanto.

“Magia ... tudo era magia, e partia meu coração. Olhei para Tamlin, e meu coração se partiu de vez. Era Tamlin, mas não era. Na verdade, era o Tamlin com quem eu tinha sonhado. (...) - Por que não consigo mais ver você? - Porque coloquei o encantamento de volta. - Encantamento para quê? - Para parecer normal. Ou tão normal quanto posso parecer [...] (J. Mass, 2015).

Assim, Rhysand começa a ter espaço como alguém interessante, embora ainda duvidoso. Sua posição muda completamente quando ele vai construindo sua relação com Feyre, mostrando Velares, ensinando a escrever e instigando o controle de seus poderes. A virada acontece quando as atitudes de vilão de Rhys começam a ser justificadas pelo conhecimento de que, enquanto ele recebia o ódio de todos, ele protegia sua família e corte dos horrores de Amarantha, se submetendo a seus abusos sexuais e emocionais durante cinquenta anos. E compreendemos que Tamlin não era tão bom quanto julgava ser, já que foi responsável pela morte da mãe e irmã de Rhysand, justificando a rivalidade dos dois.

A revelação do laço de parceria dele com Feyre é a demonstração quase completa de seu caráter abnegado, quando percebemos que ele sempre soube que ela era seu par, mas manteve em segredo para que ela não vivesse à sombra de seus pecados. Assim, fica perceptível que ele correu riscos para defendê-la e não permitir que sua alma quebrasse durante as torturas sobre a montanha. Esse ponto da narrativa traz ao leitor respostas às charadas do primeiro livro: é quando J. Mass deixa claro que as respostas estão nos mínimos detalhes e tudo foi construído para aquele momento. A música e imagens que Feyre ouviu e viu vieram de Rhys e suas memórias de Velares - o mesmo céu noturno que ela pintou na gaveta que dividia com suas irmãs para representar a si mesma. Dessa forma, conclui-se que o Grão senhor indicado pelo Suriel como protetor dela não era Tamlin, mas sempre foi Rhys, ou seja, ele não perguntou se Tamlin sabia que ela tinha saído, mas que Rhys sabia que sua companheira estava nas terras Feéricas. E a autora permite que o leitor faça as ligações juntamente com Feyre, utilizando *flashs* das pistas apresentadas até o momento, colocando em xeque tudo o que foi estabelecido: "Ai está você. Estava a sua procura. Obrigado por encontrá-la para mim." e "Meu lar ficava na outra ponta da ligação, fora o que eu disse ao entalhador de ossos. Não Tamlin, não a corte primaveril, mas... Rhysand".

Durante o segundo e terceiro volume, Rhys continua sua jornada de herói defensor e que se sacrifica pelo bem de seu povo, ao revelar seu segredo ao entalhador de ossos por ajuda, revelando o segredo de sua cidade para as rainhas humanas em troca de apoio na guerra vindoura, ao renunciar a sua parceira para que ela se infiltrasse na zona inimiga e expor-se ao julgamento e humilhação na reunião dos grãos senhores por suas ações enquanto era escravo de Amarantha, culminando em seu ato heroico final ao "morrer" durante a guerra. Esses momentos configuram ao leitor a imagem de sofredor injustiçado e faz com que ele ganhe a simpatia do público, pois aparentemente todas as pistas e referências construídas por J. Mass parecem se resumir a dualidade de Rhys. Porém, durante o segundo e terceiro volume, a autora utiliza os atos e sofrimento do casal como recurso para esconder novamente o papel de dois personagens - neste caso Nestha e Lucien. Entretanto, ela não trabalha mais com charadas e sutilezas para o leitor ir evoluindo com Feyre, percebendo o tipo de relação que ela tinha com Tamlin e vencendo o TSPT. Quando

o leitor acredita que compreendeu a essência dos personagens, toda perspectiva de papéis e valores se modifica com a mudança de narrador.

No quarto volume intitulado "Corte de Chamas Prateadas", o leitor se depara com a perspectiva da irmã mais negligente e cruel, Nestha. A princípio, o leitor poderia questionar a razão dessa irmã ser a heroína da vez, porém esse fator é essencial para demonstrar a hipocrisia e insensibilidade humana quanto ao sofrimento alheio, pois, mesmo polos tão opostos que são o altruísmo e o egoísmo, carecem da mesma compreensão. No entanto, nem todo mundo consegue se solidarizar com o que não vê, e essa base que a autora utiliza para o leitor perceber a relação das enfermidades da mente presentes na realidade com o sofrimento da Nestha na ficção. Essa intenção se comprova com o emprego do *flashback* da cena descrita pela Feyre no segundo volume, pela visão de Nestha, que não se prende ao tangível. Assim, o leitor se depara com a profundidade do que aconteceu pelos sentimentos de Nestha. O fato da lembrança do trauma ocorrer em sonho enquanto a protagonista não expressa seu sofrimento verbalmente reforça a natureza da personalidade de Nestha e recorda ao leitor que a dualidade da personagem não se expressa nas ações e conversas, como ocorreu com Rhys, mas o que está oculto em sua mente.

Os primeiros indícios de sua estrutura emocional, são apresentados pela sua proteção mental ser descrita como portões de aço, como referência a sua suposta insensibilidade. Porém, quando ponderamos o uso de um muro e portão, sabemos que eles têm o propósito de proteger algo. Nesse caso a pergunta a ser feita é: "quem Nestha está protegendo?". Durante a leitura, percebemos que ela se encontra em uma espiral decadente, passando as noites apostando, bebendo e se envolvendo com outros parceiros, após ser intimada por Feyre e Rhys a morar numa casa que limitaria seu contato com o mundo, trabalhar em uma biblioteca cheia de sacerdotisas que sofreram traumas físicos e emocionais e aprender a lutar na aldeia ilyriana. Aqui começamos a perceber a diferença no caráter dos personagens. É questionável se foi dada realmente uma escolha para Nestha, e se foram considerados suas dificuldades em lidar com os acontecimentos da guerra. Em seu primeiro dia de aula, Nestha se nega a treinar e apenas observa. Nesse momento, Morrigan, que salvou e teve todo o cuidado com Feyre após seus terrores na Corte Primavera, aponta que Nestha deveria ser posta em meio ao povo abusivo e cruel. Então, por essa ocasião, é questionável a suposta bondade da família de Rhys; e se, durante a guerra, Nestha

não fez nada de bom ou demonstrou alguma empatia ao ponto dessa possibilidade vir à tona. Nesse momento, J. Mass reforça ao leitor que, sob determinadas circunstâncias, todos podem romper seus limites. A perfeição apontada por Feyre nos livros anteriores começa a ruir.

Enquanto a história avança, chega-se ao ponto no qual a rejeição de Nestha em treinar é revelada. Não havia problema com o aprendizado, mas com o treinamento ocorrer em meio a homens desprezíveis, que se divertiam com sua inabilidade. Esse momento é de extrema importância na narrativa, pois se conecta com a sensação de impotência e de não ser ouvida, que ela sentiu durante toda sua vida, conforme revelado mais a frente, quando percebemos que a origem do suposto desprezo por Feyre e seu cuidado com Elain derivam do seu desespero pela reação de seu pai à situação precária em que viviam. No entanto, essa revolta não a impediu de tentar melhorar a situação ou abalou o seu amor pela irmã mais nova: ao ser revelado ao leitor que ela se casaria com um homem que a agrediu para não ser um fardo para as irmãs, ela fez de tudo para encontrar Feyre quando foi levada por Tamlim no primeiro volume. Então, é contestável por que sempre foi mais fácil proteger abertamente Elain e não a Feyre. A autora mais uma vez demonstra suas intenções deixando leves dicas ao leitor em cada revelação sobre o passado de Nestha.

Assim, ao utilizar a própria Elain para contar sobre as habilidades de Nestha em manipular com sua dança, descrevendo a irmã como uma loba enjaulada que se libertava nesses momentos, J. Mass começa a indicar que a própria Elain é perceptiva e articuladora, o que reforça ao leitor que cada irmã sobreviveu de seu modo. Para Elain, isso significava se manter frágil e seguir o comando de Nestha. Essa possibilidade é reforçada quando a autora revela os maus tratos sofridos por Nestha, causados por sua avó, para dançar corretamente, e as expectativas dela e de sua mãe sobre o dever e possibilidades de cada irmã em conseguir riquezas e posição. Como Feyre era pequena e próxima ao pai, proteger o futuro da família que seria Elain faria todo o sentido. A analogia ao lobo para descrever Nestha implica, então, ao senso de proteção ao futuro da "matilha" que viria de Elain, na busca por Feyre. Afastar e desafiar as pessoas constitui sua defesa, afinal um animal maltratado e preso se torna arisco e desconfiado. Assim, é perceptível que Nestha tem seus muros de aço para proteger a si mesma dos sentimentos que outros despertam nela, ao

mesmo tempo que protege os outros de liberar sua revolta e ira, ou seja, ela esconde seus instintos e sua raiva, animalesca. E, ao dançar e libertar seu lobo, ela utiliza a música como um catalisador, permitindo que esses sentimentos sejam liberados, mas de forma contida e direcionada a um propósito.

Em diversos momentos, J. Mass enfoca essa natureza de Nestha, mas dois momentos se destacam: quando ela revela a Cassin que se sente inferior a ele, ainda que sempre o tenha feito pensar que não se importava com ele; e quando, em meio aos pesadelos, ela libera seu poder de morte, capaz de destruir toda a cidade, se Rhys não tivesse ajudado a acalmar sua mente. Não é à toa que seu poder foi relacionado à morte: refere-se a um recurso para comparar a incapacidade do homem em controlar a morte com a dificuldade de controle sobre a mente, tornando a destruição da cidade como uma referência a destruição de si.

Ao começar seu treinamento de luta e seu trabalho na biblioteca, outra face de Nestha é demonstrada: ela consegue demonstrar compaixão e ser solidaria, assim como é possível amá-la mesmo em sua aridez quando se compreende sua situação - a amizade que ela cria com a sacerdotisa Gwyn e a iliriana Emerie estabelece essa noção ao leitor. E toda essa ideia é confirmada quando Nestha descobre um novo poder que deu vida a casa, e a casa a leva para sua área mais sombria, permitindo a Nestha experienciar a noção de aceitação com o leitor. Porém toda a construção é colocada em xeque quando a natureza humana e a reação animalesca e visceral tomam conta de Nestha ao se sentir traída. Desse modo, ela ataca em sua defesa e em resposta, a ver Feyre também ser enganada por Rhys que, nesse ponto, teve um comportamento questionável, lembrando que não existe perfeição nele (embora Feyre tenha demonstrado isso em seu ponto de vista). Porém sua raiva não a impede de atacar a quem ela supostamente também estava defendendo. Essas situações extremas são colocadas como um ponto de ligação a toda a construção da autora em três momentos finais. Primeiro quando Nestha demonstra sua dificuldade em renunciar a sua visão humana, mesmo vivendo como feérica afastando Cassian. O segundo momento ocorre durante o rito de sangue, que ela e suas amigas são forçadas a participar. Neste momento, as três contam suas histórias e compartilham seus traumas, aceitando seus erros e se dando as mãos. Posteriormente Nestha se prontifica a se sacrificar para que as amigas se salvem e refere-se com gratidão às

duas pessoas - seu amor Cassian e a Feyre, a quem ela também ama, mas dando ao leitor a compreensão de que o amor por ela realmente existe.

Como ato final, em um momento de desespero ante a morte de Feyre e seu sobrinho recém-nascido, Nestha abre mão de seus poderes para salvar suas vidas e, pela primeira vez em toda a narrativa, ela expressa seu amor pela irmã em palavras, evidenciando o quanto alguns momentos revelam a natureza do homem. Nesse ponto, Rhys se ajoelha e lhe agradece, colocando um fim na aversão mútua, pois aquele ato final demonstrou que a suposta negligência não indicava falta de amor, mas refletia um comportamento inculcado e os maus tratos recebidos desde a infância.

5. Discussões e resultados

Apesar da construção e desconstrução estabelecida pela autora, o leitor precisa utilizar de sua empatia e conhecimento da realidade atual para compreender a profundidade das emoções e ações dos personagens. Essa vivência é o que leva a distintas interpretações do leitor quanto a mesma situação. A exemplo dessa ideia, consideramos a opinião de leitores deixadas no *blog* "Valkirias.com" e na plataforma "Godreeds". Os nomes e fotos serão preservados. Alguns comentários foram traduzidos do inglês. Num primeiro exemplo, temos um comentário de um leitora do *blog* "Valquírias", de 14 de março de 2022:

ENTÃO, COM TODO O RELACIONAMENTO ABUSIVO E GATLHOS E TALZ EU ACHEI O TAM MUITO INCOMPREENDIDO SEI LA POSSO ESTAR PASSANDO PANO MAS EU ACHEI O AMOR DELE POR ELA TÃO REAL AHH GENTE OS MACHOS DE ACOTAR SÃO TODOS SUPER PROTETORES E ELE POR SER UM GRÃO SENHOR COM TANTOS INIMIGOS ...SEI LA TBM TENHO UMA QUEDA POR VILÕES /MOCINHOS BLZ FREYE ESCOLHEU O RHYSAND MAS ... NÃO SEI EU AINDA SOU #TEANTAMILIN , E MUITO AFTER SABE TEM GENTE QUE ODEIA O HARDIM JA EU NÃO KKKKK *LEBRANDO E SO MINHA OPNIÃO FADONS NÃO ACABEM COMIGO .

Num segundo exemplo, temos a resposta da leitora do *blog* Valquírias ao comentário anteriormente, escrito em 12 de julho de 2022:

Mana, o problema todo é que ele não é superprotetor, ele é controlador. Por mais que vc ame alguém, não tem o direito de tirar a liberdade de escolha dessa pessoa. Romantizar esse tipo de atitude é perigoso pq vc pode deixar de perceber os limites que tem que colocar num relacionamento não perceber a manipulação que pode acontecer com vc e com outros. Você pode achar o Tamlin bonito (ele é né? Kkkkk) mas desde o primeiro livro os sinais estavam lá. Fique atenta pra não cair nesse tipo de armadilha na vida real! Bjs!

Os comentários acima apontam as distintas visões sobre o personagem Tamlin. Embora J. Mass tenha a intenção de deixar claro que o relacionamento de Tamlin e Feyre é similar à construção de um relacionamento abusivo, a visão do leitor varia pelo seu nível de experiência e sua percepção das ações. E esse fator levantou uma reflexão a respeito dos limites das relações. Ao apontar que as evidências sempre estavam lá, a leitora remete ao que a realidade aponta, que os sinais de alerta sempre estão presentes nessas relações. A seguir, temos o comentário de leitora do *Goddreed*, em 19 de agosto de 2021:

Nesta às vezes é tão mal-intencionada. Eu entendo que é complexo e há um certo feminismo em retratar alguém como ela como protagonista em vez de vilã, mas caramba, garota. Aprenda algumas maneiras básicas. Ocasionalmente me pergunto se SJM foi longe demais ao fazer de Nesta a meia-irmã egoísta do ACOTAR. É difícil se livrar dessa imagem. Ela tenta justificar isso neste livro, explicando que Nesta estava com raiva de seu pai por desistir e não sustentar suas filhas. Nesta estava pronta para deixar todos morrerem de fome para provar um ponto-Rhys diz a Nesta: "É claro que você tem uma escolha. Você sempre tem uma escolha aqui", como se ele não tivesse forçado Nesta a sair de seu apartamento, forçado ela a morar em uma de suas residências de onde ela não pode sair, forçado ela a treinar com Cassian, forçado ela a trabalhar na biblioteca, etc. Certamente existem maneiras melhores de encenar uma intervenção. Eu sei que eles fizeram isso por amor, mas Tamlin fez o que fez por amor também. Falando nisso, todo mundo odeia Tamlin porque ele deu Nesta e Elain ao Rei de Hybern (o que ele fez para salvar Feyre), mas quando Rhys ameaça matar Nesta se ela machucar Feyre, de alguma forma está tudo bem Rhys e Feyre são supostamente iguais, mas ele se recusa a contar a Feyre sobre os perigos de sua gravidez. Nesta é retratada como a vilã por contar a verdade à irmã.

Também temos outro comentário de uma leitora do *Goodreads* de 7 de dezembro de 2022:

- A jornada de cura de Nesta não foi tranquila. Eu não esperava que fosse. Ela abriu caminho para sair da escuridão que a envolveu desde que ela se transformou em uma Fae. Para ela se curar, Nesta teve que destruir sua alma para se encontrar novamente. Vou lhe dizer que não gostei tanto de Nesta nos livros da ACOTAR que apenas mantive o rancor contra ela. Mas Nesta não é uma pessoa que deveria ser apreciada. Ela é cruel e sua arma mais afiada sempre foi a língua. Ela poderia infligir uma ferida tão profunda com uma mera palavra. Mas percebi que Nesta é o personagem mais "humano" de todos eles. A humanidade não é necessariamente igual a bons costumes, Nesta é fortemente defeituosa e suas falhas são o que a torna humana. Ela é dominada pela culpa a ponto de permitir que sua culpa apodreça dentro dela, envenenando a maioria das características que a tornam uma boa pessoa. Ela carrega um desdém tão profundo por si mesma que age de acordo com isso e muitas vezes você vê isso na forma de palavras agressivas. Por que ela permite que isso aconteça com ela? Porque ela mantém uma crença: ela merece. Quando comecei a ver a alma de Nesta com mais clareza depois que ela começou a rasgá-la, senti minha alma ressoar com a dela a ponto de chorar. Ela era uma prisioneira de sua própria cabeça, revivendo certas mortes e pesadelos de que não consegue mais ver a luz no mundo. Ela não consegue mais ver a bondade nela. Foi poderoso. Estava cru. Foi feio. De certa forma, era devastadoramente lindo. Foi assim que foi a cura de Nesta. Ela era uma pessoa tão danificada por dentro que desistiu da esperança de se curar. Isso significa que tudo foi esquecido sobre o comportamento passado de Nesta? Sobre o fato de ela ter machucado e injustiçado muitas pessoas? Que ela em muitos momentos foi uma pessoa horrível? A resposta é Não, e é isso que torna a jornada de cura de Nesta tão impactante e emocional. Seu trauma após o Caldeirão e a Guerra envolveu-a com correntes inflexíveis. A guerra devastadora ainda a assombra e a afasta daquela luz no fim do túnel onde sua família a espera, uma família que está decidida a acreditar que ela escolheu permanecer na escuridão. Ninguém estava disposto a ir fundo na escuridão até ela e presenteá-la com um fragmento de luz que guiaria seus passos. Ninguém estava disposto a quebrar aquelas correntes e poupá-la daquela miséria. Ninguém, exceto Cassian.

Do mesmo modo, o segundo exemplo demonstra a imperfeição da

humanidade refletida nas falhas dos personagens, apontando que nas relações pessoais não existem vilões ou mocinhos, e sim apenas pessoas que sobrevivem as pressões que se apresentam no cotidiano e ainda recebem a incompreensão dos seus pares, ao considerar as doenças mentais, por exemplo. Os comentários refletem o caso da hipocrisia social dos que fazem campanha pela vida e apoiam campanha do setembro amarelo, mas, ao se deparar com uma pessoa depressiva, consideram suas condições de maneira empática e colaboram com um tratamento ou apenas pensam no quanto a posição do outro é incômoda; ou mesmo desvalidam sua doença, ao deixarem subentendido que se trata de algo simples.

6. Considerações finais

A análise de uma obra sobre a perspectiva do leitor é essencial no processo de conscientização e letramento. Possibilitar o acesso às obras que dialoguem com sua realidade permite que compreenda-se na prática o que se aprende nas aulas, considerando os recursos que forem empregados para uma argumentação, o que por si só já auxilia no desenvolvimento de produções textuais, pois os alunos entendem como seu conhecimento cultural pode enriquecer o conteúdo produzido.

Dessa forma, é preciso considerar o valor do impacto "invisível" da literatura, indo além do valorizado intelectualmente, pois, ao considerar o processo libertador que o ato de usufruir de uma obra gera nas mentes e que cada indivíduo possui diferentes gatilhos de tensão, é preciso instigar o aluno a se encontrar em meio a distintos gêneros, temas e linguagem, haja vista que o meio escolar é o reflexo das distintas personalidades e realidades, o que requer também a apresentação de novas formas de consumo de literatura.

Assim, ao analisar a construção da série "Corte de Espinhos e Rosas", foi possível comprovar como a humanização dos personagens e temas atuais influencia na identificação do leitor e instigam o primeiro passo para a construção do cidadão ativo, que envolve o discutir ideias com criticidade e respeito.

7. Referências

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem.**Ciencia e Cultura. São Paulo, 1972.

COSTA, Luiz. **Teoria da literatura em suas fontes: vol. II.**Rio de Janeiro.2002

DE FÁTIMA EGIERT, Suéllen; DE ALMEIDA MELLO, Cláudio José. **O PAPEL DO LEITOR E O GÊNERO LITERÁRIO NA RECEPÇÃO TEXTUAL: CONTRIBUIÇÕES DE TZVETAN TODOROV E VINCENT JOUVE.** Línguas & Letras, v. 14, n. 27.

DE SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux. **RECEPÇÃO LITERÁRIA: UM DOS ESPELHAMENTOS DA MODERNIDADE.** Letras, n. 3, p. 26-32, 1992.

DOS SANTOS, Larissa Brito. **EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM NARRATIVAS LITERÁRIAS E AUDIOVISUAIS.** Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação, v. 16, n. 1, p. 092-111, 2022.

FERRITO, Ronaldo. **Ensaio acerca da teoria de Wolfgang Iser.** Revista Garrafa, v. 6, n. 18.

FIGURELLI, Roberto Hans, **Robert Jauss e a Estética da Recepção,** Revista Letras,1988

GOMES, Mariana Andrade. **Experiência estética e estética da recepção.** Cadernos do IL, n. 39, p. 37-45, 2009.

GOODREADS. Disponível em: <<https://www.goodreads.com/book/show/56499867/reviews?reviewFilters=>>>. Acesso em: 2 nov. 2023.

GUGEL, Rosimery Favareto; **O Ensino de literatura pautado na estética da recepção,** diaadiaeducacao.pr.gov.br/2013

LIMA, Luiz Costa. **Antropofagia e controle do imaginário.** Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 1, n. 1, p. 62-75, 2017.

LINHARES, Vinícius Lourenço. **Atos de fingir, enunciação literária e forma de escrita: aproximações teóricas para a leitura do romance a tradutora, de Cristovão Tezza.** Estação Literária, v. 22, p. 49-64, 2018.

MAAS, Sarah. **Corte de asas e ruína.** Rio de Janeiro, Editora Galera,2019

MAAS, Sarah. **Corte de espinhos e rosas**. Rio de Janeiro, Editora Galera,2017

MAAS, Sarah. **Corte de névoa e fúria**. Rio de Janeiro, Editora Galera,2019

MAAS, Sarah. **Corte de chamas prateadas**. Rio de Janeiro, Editora Galera,2021

THAISY. **A saga Corte de Espinhos e Rosas e a sutil construção de um relacionamento abusivo**. Disponível em: <<https://valkirias.com.br/a-saga-corte-de-espinhos-e-rosas-e-a-sutil-construcao-de-um-relacionamento-abusivo/>>. Acesso em: 2 nov. 2023.

UNES, Wolney. **A estética da recepção—Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser**.Revista Estudos, v. 30, n. 4, p. 753-766, 2003.

VIVIAN, Aline Groff; TRINDADE, Jorge. **Psicologia e arte: Um paradigma estético dos processos de criação**.Aletheia, n. 17-18, p. 107-121, 2003.

WOLFF, Clarice Lehnen; LOPES, Marília Marques. **Aproximações entre psicolinguística e estética da recepção**. ZILBERMAN, Regina. **Recepção e leitura no horizonte da literatura**. Alea: estudos neolatinos, v. 10, p. 85-97, 2008.